



## **‘O CÂNONE LITERÁRIO E SUA PROJEÇÃO FUTURÍSTICA NO BRASIL**

### **THE LITERARY CANON AND ITS FUTURISTIC PROJECTION IN BRAZIL**

**<sup>2</sup>Luciano de Souza, <sup>3</sup>Táise Neves Possani**

<sup>1</sup>Trabalho desenvolvido frente às atividades do componente curricular História e Literatura Brasileira do curso de Letras Português e Inglês do Núcleo de Humanidades e Educação da Universidade Regional Do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUÍ;

<sup>2</sup>Acadêmico do 8º semestre do curso de Letras Português e Inglês da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUÍ;

<sup>3</sup>Professora mestre do Curso de Letras Português e Inglês do Núcleo de Humanidades e Educação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUÍ;

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho resulta das atividades do curso de Letras Português e Inglês da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUÍ, mais precisamente, do componente curricular História e literatura Brasileira, que objetiva em suas premissas discutir o cânone literário brasileiro com os acadêmicos. Entende-se que o cânone literário está alicerçado em um conjunto de três elementos, o qual é composto por um escritor, uma obra e o público. Esses três elementos juntos vão formar o que mais tarde chamamos de sistema literário.

Os desafios encontrados para a elaboração deste resumo se limitaram em trazer uma definição concisa do termo cânone, tendo em vista que ele não se esgota com as definições que se traz aqui, que ele não é apenas um conjunto e livros que ganharam prestígio em determinada época, mas entender que ele vai muito além disso é que é perceptível que ele está sob mudanças, ele não é algo fixo, ele sofre variações, mas para isso é necessário poder e amparo político para tais alterações.

Os objetivos da compilação deste trabalho, para além das discussões já mencionadas, limitam-se a criar tensões e questionamentos no leitor ao qual se permite entender como está a produção literária da atualidade, o rumo que ela está tomando ao considerar que a pluralidade cultural e étnica estão emergindo, um espaço onde cada brasileiro pode manifestar sua arte e se empenhar em produzir algo, ansiando um dia entrar para o cânone literário.

## **METODOLOGIA**



O trabalho foi produzido e calcado em discussões do componente curricular História e Literatura Brasileira do Curso de Letras Português e Inglês da UNIJUÍ. Também foi feita a revisão literária de alguns autores que buscaram durante sua caminhada os conceitos de cânone, como Thomas Bonnici, Jorge Luiz Borges e Antônio Cândido. Foi necessário fazer um resgate histórico de Yuval Noah Harari, para entender o que levou de modo geral, o condicionamento social da atualidade, tendo como consequência, as produções literárias que permeiam a história da humanidade até os dias atuais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O cânone literário, algo que muito se fala nos cursos de letras e afins, e também pauta para debate em muitos congressos e eventos, vem do grego *Kaionm*, o qual etimologicamente significa medir, quantificar, régua. Desse modo, na visão de AMARAL, as obras que contemplam um Cânone literário podem ser percebidas pela sua capacidade de garantir o prosseguimento da releitura do passado e a sua reconstrução do presente (AMARAL, 2004 p.21)

Tendo como entendimento que o cânone literário é aquilo que consagra algumas obras produzidas com prestígio, determina se elas poderão ocupar um status na história literária de determinado país. É determinado por um jogo político e de poder, quais obras devem receber status para que sejam consagradas para fazerem parte da construção literária da história do país.

Os livros que compõem o cânone literário são aqueles que também são chamados de livros clássicos. São livros que trazem ideias que podem concordar e ao mesmo tempo que podem causar discórdia, que podem despertar conhecimento e interesse no leitor como também pode causar certo estranhamento quando feita sua leitura investigativa.

Foi no período elenístico que se iniciou a prática de se estabelecer valores literários para certas obras. De acordo com Thomas Bonnici,

Howatson (2006) afirma que os críticos alexandrinos tinham um cânone ou A tradição de fabricar uma lista de livros considerados excelentes foi adotada em Alexandria, Egito, durante o período helenístico (323 30 a.C.). Rose (1959) e lista autorizada, que incluía Homero, nove poetas líricos gregos (por exemplo, Safo), dez oradores áticos (entre eles Demóstines), os cinco dramaturgos trágicos (entre eles Ésquilo, Sófocles e Eurípedes), sete autores de comédia (entre eles Aristófanes) e sete historiadores (por exemplo, Políbio). Clássico é um termo alexandrino, já que *classic* é a representação latina do termo grego *Kanōn* aplicado às listas que as autoridades da biblioteca de



Alexandria redigiram referentes aos autores que consideravam serem os parâmetros nas classificações literárias (BONNICI, 2011, p. 104).

Dessa forma, como explica BONNICI, entendemos que o cânone não é algo que surgiu há alguns dias atrás, mas algo que se instaura a diferentes contextos há muitos anos.

Os livros clássicos transcendem todos os paradoxos e todas as tensões entre o indivíduo e o universal, são considerados inesquecíveis, e mesmo por serem sempre lembrados nos mais variados conceitos, são dados como atuais. Por isso, a leitura de um clássico é sempre uma descoberta.

A consolidação de um cânone literário pode inclusive redirecionar a pesquisa e os cursos de determinada faculdade, os livros que serão estudados e desbravados por seus integrantes, não descartando a possibilidade de certas ideologias serem trabalhadas a medida que outras poderão, sem sombra de dúvidas, serem excluídas.

O interessante seria que todos os livros produzidos naquela época fossem lidos para que não fosse desmerecido o trabalho de nem um escritor, porém o cânone existe para que o nome de apenas alguns apareçam, na medida que o nome de outros sequer seja lembrado para que possa vir a ter suas histórias compartilhadas sem ficarem jogadas ao esquecimento do curso natural da história da humanidade.

Para BORGES, independente do prestígio alcançado, o que se entende como idôneo e perfeito está longe de ser alcançado em qualquer obra, por melhor que ela seja.

Não há poeta que seja a voz total do querer, do odiar, da morte ou do desespero. Ou seja, os grandes versos da humanidade ainda não foram escritos. Essa é a imperfeição com a qual deve alegrar-se nossa esperança (BORGES, p. 109. Apud, PERRONE-MOISÉS, p. 42. 2009).

De fato, o cânone literário a partir de 1500 vem sendo definido calcado em alguns critérios de escrita, estética e outros que na época eram considerados importantes a quem estivesse organizando-o. Construído na perspectiva de poder ele sempre é imutável, porém ele é possível de se mudar, se você tiver poder o suficiente para fazer. Os jogos políticos sempre estiveram presentes até na estruturação literária, permitindo que algumas obras pudessem aparecer na medida que outras fossem apagadas.



A história da humanidade caminha em direção a três grandes questões que o próprio ser humano desenvolveu colocando critérios que seriam de cunho essencial ao desenvolvimento de suas atividades, a se considerar, suas relações interpessoais.

Yuval Noah Harari explica melhor essa questão em seu clássico lançamento, a obra *Sapiens* que faz uma análise perpendicular da história da humanidade até os dias atuais. Harari tenta explicar por meio de uma perspectiva social-constructiva que existiu alguma seta que condicionou o desenvolvimento humano desde os primórdios até a contemporaneidade. Esta seta, por sua vez, não foi determinada por ninguém nem pré-estabelecida por algum sistema coletivo, mas condicionada a existir segundo as relações que os seres humanos estavam a viver naquele momento e sempre, a qual ele explica da seguinte maneira:

O primeiro milênio a.C. testemunhou o aparecimento de três ordens potencialmente universais, cujos devotos, pela primeira vez, podiam imaginar o mundo inteiro, e a raça humana inteira, como uma unidade governada por um único conjunto de leis. Todos eram “nós”, pelo menos potencialmente. Não havia mais “eles”. A primeira ordem universal a surgir foi econômica: a ordem monetária. A segunda ordem universal foi política: a ordem imperial. A terceira ordem universal foi religiosa: a ordem das religiões universais como o budismo, o cristianismo e o islamismo.

Três grandes fatores são colocados em jogo segundo a perspectiva do autor, sendo elas consideradas ordens universais que contemplam a ordem econômica, a ordem política e por fim, a ordem das religiões. A Humanidade desde seus primórdios caminha em direção a esses três fatores, e concomitante a essa caminhada vem produzindo literatura, a qual nos permite entender que a literatura está ligeiramente ligada às relações humanas das mais variadas formas que os autores se permitem escrever no aqui e agora. A escrita literária não tem compromisso com a realidade, mas sim descrever algo que poderia ter acontecido.

Suponhamos então que o dinheiro, o poder e a religião são os alicerces ao qual a humanidade está apoiada e que sob eles foram produzidos os cânones literários, qual será o próximo Cânone? Às produções literárias ainda estarão apoiadas nessas questões arcaicas, e ao mesmo tempo contemporâneas, ou tomarão outro rumo ?

O que se quer questionar aqui com essa colocação do escritor é a seguinte tensão: no futuro teremos um cânone literário consolidado como os que já vimos até os dias de hoje? Como está se dando a produção de literatura na atualidade e se essas obras serão dignas de entrar para um cânone literário?





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resposta a essas provocações que são colocadas em torno do cânone literário, não se pode garantir o que está por vir, apenas fazer o entendimento de como as produções artísticas e literárias vem se desdobrando na contemporaneidade, é inválido dizer que certas obras poderão ou não pertencer a um suposto período literário que há de se instaurar daqui a dez anos, ou até mesmo dizer que ele já está se formando, pois desprovidos de poder e de ideologia políticas um cânone não pode ser sugerido por pessoas quaisquer.

Outro questionamento tangível à discussão, é colocar em pauta a pluralidade das produções que temos hoje. As mesmas produções se viam no passado e algumas ideias eram questionadas no passado, mas somente agora na contemporaneidade é que elas apareceram, pois em uma realidade na qual a pluralidade da produção é bastante ampla, todos os brasileiros possuem lugar de fala e de expressão, e isso é importante, porque dessa maneira tornamos nossa cultura mais rica a qual se permite ser atravessada pela pluralidade.

A comunidade acadêmica, em especial a do curso de letras, sabe que todas as literaturas deveriam ser lidas para que nem uma produção seja esquecida na memória, mas é pertinente entender também que apenas alguns títulos são trabalhados no meio acadêmico por seguirem premissas de organização e planejamento que às vezes, sem intenção, acabam excluindo obras que são muito importantes para a construção de uma sociedade solidificada e calcada em pilares de história própria.

**Palavras-chave:** Cânone Literário. Produção Artística. Literatura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Ricardo Ferreira do. *A reinvenção da literatura: a identidade nacional em os sertões e Macunaíma* - Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. - 336 p.
- BONNICI, Thomas. FLORY, A. Villibor. PRADO. M. Roberto. **Margens Instáveis**. Maringá. Eduem. 2011.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6°. ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia limitada, 2000.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HARARI, Yuval Noah, 1976- **Sapiens-uma breve história da humanidade**; Tradução Janaína Marcoantonio.- 36. ed - Porto Alegre, RS: L&PM, 2018. 464p. :il. ; 23cm.